

**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES  
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR DA FORÇA AÉREA**

**2007/2008**



**TII**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A FREQUÊNCIA DO CURSO NO IESM SENDO DA RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA.**

**O FUTURO DOS AUDIOVISUAIS NA FAP E OS  
AUDIOVISUAIS DO FUTURO**

**PAULO TAVARES  
CAP/TPAA**



**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES**

**O FUTURO DOS AUDIO VISUAIS NA FAP E OS AUDIOVISUAIS  
DO FUTURO**

**CAP/TPAA Paulo Tavares**

Trabalho de Investigação Individual do CPOS/FA 2007/2008

Lisboa 2008

---



**INSTITUTO DE ESTUDOS SUPERIORES MILITARES**

**O FUTURO DOS AUDIO VISUAIS NA FAP E OS  
AUDIOVISUAIS DO FUTURO**

**CAP/TPAA Paulo Tavares**

Trabalho de Investigação Individual do CPOS/FA 2007/2008

Orientador: TCOR/TMMA Vale Lima

Lisboa 2008



## **Agradecimentos**

À minha mulher por em todos os momentos, mesmo nos mais difíceis, me ter apoiado e ajudado.

Aos meus filhos por não lhes ter podido dedicar todo o tempo que reclamavam, em especial ao Gil e ao Afonso porque eles, mais que ninguém, precisam de toda atenção do mundo.

Ao IESM por, no âmbito deste trabalho, me ter dado a oportunidade de verter para o papel, de forma ordenada algumas ideias e reflexões de uma vida inteira à volta dos Audiovisuais.

Ao TCOR Vale Lima pela total confiança e apoio demonstrados.

---



## Índice

Introdução .....	1
1. Os Audiovisuais na Força Aérea. Do passado ao presente.....	5
a. Generalidades.....	5
b. Resenha Histórica .....	5
c. O Despacho 20/78.....	6
d. Competências.....	6
e. Secção de Produção e Realização .....	6
f. Fotografia .....	7
g. Vídeo.....	8
h. Sistemas de Edição Não-lineares .....	9
i. Integração no SDFAs.....	9
2. Panorama actual.....	9
a. A actual situação de pessoal .....	9
b. A eficácia .....	11
3. A Formação enquanto solução.....	13
a. Generalidades.....	13
b. Criação de núcleos AV nas Unidades.....	13
c. O caso específico do GABCEMFA.....	14
d. Criação de equipas de audiovisuais nas patrulhas acrobáticas .....	14
e. Formação, estágios e intercâmbios no exterior da instituição .....	15
4. Integração do CAVFA no MDN e suas implicações .....	16
a. Generalidades.....	16
b. Vantagens práticas .....	17
c. Imagem e vontade política .....	17
d. A Imagem actual das Forças Armadas. ....	17
e. Implementação de um gabinete comum .....	18
f. Modernização da Imagem das Forças Armadas .....	19
g. Condicionantes da Imagem das Forças Armadas .....	21
h. O caso da publicidade televisiva.....	22
i. Objectivos do Centro Conjunto de Imagem .....	23
j. Modelo de promoção da Imagem das Forças Armadas.....	25
Conclusões .....	27

---



Bibliografia .....	30
Anexo A – Corpo de Conceitos .....	A-1
Anexo B – Excerto do RFA 304-7, Serviço de Documentação da Força Aérea .....	B-1
Anexo C – Organigrama do SDFA, .....	C-1
Anexo D – Protocolo de Colaboração entre FAP e ETIC .....	D-1
Anexo E – Depoimento do Subdirector da Informação da RTP, .....	E-1

---



## **Resumo**

À experiência acumulada de 30 anos de vida do Centro de Audiovisuais da Força Aérea (CAVFA) e ao “saber fazer” que ainda hoje existe dentro da Instituição, num tempo cada vez mais dominado pelo poder das imagens e a sua cada vez mais fácil difusão, se acrescentadas novas capacidades às já existentes, é possível, no entender do autor, que a Força Aérea Portuguesa (FAP) venha a ter nos meios e no pessoal ligado aos Audiovisuais e multimédia um factor determinante de sucesso na construção de uma política de Comunicação Institucional voltada para o futuro e geradora de prestígio junto dos seus públicos alvo.

Pretende-se, com este trabalho, estudar quais as medidas necessárias e que alternativas e que caminhos são possíveis para que os Audiovisuais da FAP se adaptem às novas realidades, aproveitando os equipamentos e os recursos existentes e se tornem num moderno e eficaz instrumento de ajuda no cumprimento da missão atribuída à FAP, na área da formação e da informação e na preservação e divulgação da nossa história.

Pelas dificuldades do presente que muito se devem à falta de pessoal, deu-se particular ênfase às melhores formas de recrutar pessoal qualificado e como qualificar pessoal dentro da Instituição de modo a dotar a Força Aérea de uma rede de militares especializados que, colocados nas diversas unidades, e em coordenação com o CAVFA permitirão maior operacionalidade dos meios Audiovisuais através da efectiva captação e da rápida transmissão de material relevante para divulgação ou treino e seu posterior arquivo.

O uso das novas formas de comunicação, da Internet e do eLearning constituirão o outro lado, além do factor humano, que este trabalho procura abordar no sentido de encontrar caminhos para uma muito mais eficaz utilização desta “arma” por parte da Instituição.

---



**Abstract**

*To the 30 year long experience of the Air Force Audiovisual Center (CAVFA) and the “know-how” that the Institution still possesses nowadays, in a time ever more dominated by the power of images and its progressively easier diffusion, if new capabilities are added to those already existent, it is possible, in the author’s viewpoint, that the Portuguese Air Force (PoAF) might find in its audiovisual and multimedia equipment and personnel a determining factor for successfully setting up an institutional communication policy, oriented towards the future and able to generate prestige in its target public.*

*It is the purpose of this work to study which measures are necessary and which alternatives and ways are possible in order that the PoAF Audiovisuals adapt to the new realities, making use of the existing equipment and resources and become a modern and effective supporting instrument in the fulfillment of the mission committed to the PoAF, in the training and information area and in preserving and diffusing our history.*

*Due to the current difficulties, owed mainly to lack of personnel, particular emphasis was given to the best ways of recruiting qualified personnel and how to qualify personnel within the Institution in order to endow the Air Force with a network of specialized servicemen who, once stationed in various units and in coordination with CAVFA, will allow for a better operation of the audiovisual means by effectively capturing and quickly transmitting relevant footage for diffusion or training and subsequent archive.*

*The use of new ways of communicating, new software and new formats of photo and video recording and editing, the Internet and the e-learning will make up the other side, besides the human factor, that this work tries to address in order to find ways for a much more effective use of this “weapon” by the Institution.*

---



**Palavras-chave**

Audiovisuais;

Vídeo;

Fotografia;

Imagem;

Formação;



## **Lista de Abreviaturas**

AFA – Academia da Força Aérea

CAVFA – Centro de Audiovisuais da Força Aérea

CEMFA – Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

COFA – Comando Operacional da Força Aérea

CRM – Centro de Recrutamento e Mobilização

DSINST – Direcção do Serviço de Instrução

ETIC – Escola Técnica de Imagem e Comunicação

EMGFA – Estado-Maior General das Forças Armadas

EMFA – Estado-Maior da Força Aérea

FAP – Força Aérea Portuguesa

FFAA – Forças Armadas

GABCEMFA – Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

GCE – Gabinete de Conteúdos e-Learning

IESM – Instituto de Estudos Superiores Militares

MDN – Ministério da Defesa Nacional

OCS – Órgãos de Comunicação Social

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

RP – Relações Públicas

RTP – Rádio Televisão Portuguesa

SDFA – Serviço de Documentação da Força Aérea

SIA – Sector de Imagem Animada

SIF – Sector de Imagem Fixa

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

SPR – Secção de Produção e Realização

VCEMFA – Vice-Chefe do Estado-Maior da Força Aérea

---



VHS – Vídeo Home Sistem



## **Introdução**

A FAP foi pioneira dos modernos Audiovisuais militares em Portugal, ao criar, em 1978 um centro especializado, o CAVFA.

A excelência dos profissionais que se foram formando nas diversas áreas, do “design” à fotografia, mas sobretudo da televisão, deram origem a uma “escola” que rapidamente viu reconhecida a sua qualidade (e que se ia formar na Rádio Televisão Portuguesa (RTP) com quem a FAP tinha um protocolo de cooperação) e que, aquando do aparecimento da televisão privada em Portugal, resultou no interesse e na cobiça por esses profissionais. Como noutras circunstâncias, noutras especialidades, assistiu-se a uma saída quase em massa desses militares para fora da Instituição. Hoje, só na Sociedade Independente de Comunicação (SIC) encontramos uma dezena de ex-militares da FAP que formam o segundo maior grupo de profissionais de televisão oriundos da mesma “escola” (o primeiro é, naturalmente, oriundo da RTP).

O CAVFA tem como missão executar e apoiar a cobertura audiovisual das actividades da FAP, em especial as de formação, qualificação, treino técnico e operacional, e de informação e divulgação. Para isso, deve:

- produzir, armazenar e distribuir filmes, vídeos, fotografias, e qualquer outra forma de apresentação audiovisual da informação necessária às actividades da FAP e ao respectivo registo histórico de eventos;
- diligenciar e promover a qualificação e aperfeiçoamento do seu pessoal e do que presta serviço noutros núcleos de audiovisuais existentes na FAP.

Passados 30 anos, os Audiovisuais continuam a operar e a tentar cumprir a sua missão, apesar das dificuldades. E, embora se tenham reequipado devidamente, a falta de pessoal especializado atingiu níveis críticos, o que, associado ao envelhecimento dos seus técnicos (alguns em funções há mais de 20 anos), e à vontade recentemente manifestada pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN) em criar uma estrutura directora para as Tecnologias de Informação e Comunicações, faz aparecer no horizonte um grande ponto de interrogação quanto ao seu futuro. E, porque face aos óptimos meios de que dispõe, a FAP poderia e deveria tirar maior partido dos seus Audiovisuais, (sem

---



dúvida uma mais valia para a Imagem da Instituição), foi com naturalidade que nos surgiu a pergunta de partida e orientadora deste estudo:

**Face à crescente importância dos meios multimédia e das novas tecnologias na projecção de uma Imagem que se quer moderna e de prestígio das Forças Armadas, será possível, à FAP, continuar a ter nos seus Audiovisuais, apesar da falta de pessoal especializado, um meio privilegiado de promoção da Instituição?**

A temática do audiovisual e a sua utilização para diversos fins pela Instituição Militar abarca uma complexa teia de relações que, relativamente ao tipo de trabalho solicitado e ao tempo disponível para a sua elaboração, obrigou a delimitar muito o problema. Assim, seleccionaram-se apenas duas questões derivadas às quais procuraremos responder:

**Haverá forma de resolver o problema da actual escassez de técnicos especializados em audiovisuais na FAP?**

**Que perspectivas se abrem aos Audiovisuais da FAP para continuar a desempenhar a sua missão no futuro?**

As hipóteses que se tentarão avaliar no decorrer deste trabalho serão as seguintes:

**O problema da constante falta de pessoal especializado em Audiovisuais pode ser resolvido com formação “dentro de portas”.**

**A eventual criação de um Centro Conjunto de Audiovisuais do MDN, onde o CAVFA se integrasse poderia nas actuais circunstâncias trazer vantagens para a Imagem da FAP.**

---



Para a elaboração deste trabalho, além da experiência pessoal de 18 anos de trabalho na área do autor, utilizou-se a metodologia proposta pelo Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), desenvolvida nos seguintes instrumentos:

Análise documental, estudos, artigos de jornais, revistas e sites da Internet relacionados com o assunto, entrevistas a entidades militares, tais como o Chefe do CAVFA, Chefe das Relações Públicas (RP) da FAP, Chefe do Gabinete de Conteúdos e-Learning (GCE), Chefe das RP do MDN, entrevistas aos militares que trabalham actualmente no CAVFA ou que estando no activo, tenham lá trabalhado mais de dez anos, entrevistas a jornalistas que trabalham frequentemente matérias militares, correlação e análise dos dados recolhidos durante a pesquisa documental e entrevistas.

Quanto à organização, este trabalho é composto por quatro capítulos, onde tentaremos numa sequência lógica responder à questão central e às questões derivadas e proceder à avaliação das nossas hipóteses.

No primeiro capítulo, que consideramos importante para a contextualização e subsequente desenvolvimento do trabalho, faremos uma breve resenha histórica da vida do CAVFA.

No segundo, analisaremos a actualidade do CAVFA, as dificuldades actuais para cumprir a sua missão, e que alternativas se vislumbram para o futuro.

No terceiro capítulo, far-se-á, em função da análise dos dados recolhidos durante o desenvolvimento deste trabalho, uma reflexão sobre o futuro dos Audiovisuais na FAP, onde chegaremos à conclusão que é na formação que reside a resposta à primeira questão derivada. Chegaremos também a uma resposta positiva quanto à hipótese do problema da falta de pessoal poder vir a ser resolvido com formação dentro de portas, o que permitirá ainda que o CAVFA se assuma como pólo dinamizador e de formação não só para dentro como para fora da Instituição.

No quarto capítulo, veremos que perspectivas se abrem aos Audiovisuais e procuraremos avaliar a segunda hipótese analisando diversas variáveis e chegaremos à conclusão de que com uma rede de núcleos Audiovisuais a funcionar, a hipótese dos Audiovisuais serem integrados num futuro centro

---



comum na dependência do MDN, pode até acabar por trazer benefícios para a própria FAP.

Finalmente, apresentaremos as principais conclusões decorrentes do trabalho realizado, os contributos que o mesmo acrescenta ao conhecimento e algumas recomendações que consideramos importantes para encarar sem sobressaltos o futuro dos Audiovisuais na FAP e para uns Audiovisuais de futuro que tragam dividendos para a FAP, onde quer que estejam no dia de amanhã.

---



## **1. Os Audiovisuais na Força Aérea. Do passado ao presente.**

### **a. Generalidades**

Considerando que, para melhor se perceber o presente, convém estudar o passado e daí retirar as lições devidas, começaremos por dar uma breve perspectiva histórica da vida dos Audiovisuais da Força Aérea Portuguesa, no ano em que comemoram 30 anos de vida. Analisaremos ainda, como se posicionam hoje face aos condicionalismos existentes e se os meios ao dispor se adequam à realidade e à missão atribuída.

### **b. Resenha Histórica**

O CAVFA nasceu da fusão de três projectos. No corpo de Tropas Pára-quedistas, na altura parte integrante da FAP, existiu, durante o período da Guerra do Ultramar, um sistema de gravação em bobinas de diversos programas emitidos pela RTP. Estas bobinas eram então enviadas para o Ultramar para as várias Unidades de pára-quedistas onde eram visionadas e posteriormente devolvidas à Unidade de Tancos para gravação de novos programas de entretenimento das nossas tropas. Este sistema foi montado e coordenado pelo então TEN/SG/PARAQ Pinhão, que em 1974, no regresso de uma Comissão de Serviço na Guiné foi convidado para reorganizar o sistema, não já para o entretenimento, mas sim com uma vertente pedagógica para futura utilização na instrução da FAP.

Entretanto, na Direcção do Serviço de Instrução (DSINST) ganhava corpo um projecto que previa a distribuição de meios de audiovisuais de uma forma organizada, por todas as unidades de instrução.

No Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (GABCEMFA) tomava forma desde 1975 a ideia do então ALF/PILAV Rodrigues com a colaboração do CAP/PILAV Nico de uma secção de cinema.

Tendo sido colocada a questão ao Chefe do Estado-Maior da Força Aérea (CEMFA) este decidiu que se reunissem os três projectos num único órgão.

---



### **c. O Despacho 20/78**

Em 19 de Maio de 1978 foi publicado na Ordem de Serviço n.º 16 do EMFA, o Despacho do CEMFA 20/78 de 9 de Maio que dizia o seguinte:

“Considerando a necessidade do mais completo e correcto conhecimento da Força Aérea no exterior.

Considerando a necessidade de dotar a Força Aérea de um sistema moderno e eficiente de ensino.

Considerando serem os meios audiovisuais os mais aconselháveis para a solução das necessidades apontadas.

Considerando ainda que face às medidas tomadas e a tomar se torna indispensável a criação de um órgão de planeamento de aquisições, de produção, exploração, distribuição e controle de audiovisuais.

Determino:

É criado o Centro de Audiovisuais da Força Aérea (CAVFA) que na dependência da DINST, passa a funcionar no complexo de Alfragide.”

### **d. Competências**

Não deixa de ser invulgar que numa época em que pouco se apostava em estruturas deste tipo, a visão dos chefes de então tivesse criado um órgão que se posicionava desde logo como veículo privilegiado de difusão da Imagem Institucional e de apoio à Instrução, responsabilidades que hoje, 30 anos volvidos, embora permaneçam escritas na sua missão, estão quase ausentes da sua realidade. O CAVFA passou então a ter, entre outras, como competências:

- planear a aquisição de aparelhagem audiovisual para a FAP;
- produzir audiovisuais quer por iniciativa própria quer a pedido;
- fiscalizar, aconselhar e divulgar o correcto emprego de audiovisuais;
- controlar a existência de audiovisuais na FAP.

### **e. Secção de Produção e Realização**

Os dois sectores operacionais mais afectos à Produção Audiovisual – o Sector de Imagem Fixa (SIF), onde se situa a Fotografia e o Sector de Imagem Animada (SIA) onde está o Vídeo, estão actualmente sob a responsabilidade da Secção de Produção e Realização (SPR) do CAVFA, e representam a face mais visível deste Centro. Importa explicar brevemente como chegaram ao ano de 2008 para melhor se perceber a realidade actual.

---



#### **f. Fotografia**

Na década de 80, a produção fotográfica era maioritariamente feita a preto e branco, em laboratório próprio, que permitia uma operacionalidade elevada e uma consequente capacidade de resposta acima da média.

Para além das reportagens institucionais, a captação de imagem de aeronaves em voo, as reportagens de exercícios operacionais, o apoio aos *briefings* do Estado-maior através da produção de slides e acetatos e o apoio ao Centro de Recrutamento e Mobilização (CRM) na publicidade de recrutamento, preenchiam, então, as actividades daquele sector.

Em 1991, opta-se pela utilização exclusiva da cor para todas as coberturas fotográficas. Por uma questão de racionalização e de vantagens no binómio custo/eficácia, passou-se a recorrer ao exterior para a impressão fotográfica, tendo-se desactivado o laboratório, que, entretanto, se tornara quase obsoleto.

Hoje, com o advento do digital e com a vulgarização de excelentes impressoras, cada vez menos onerosas, verifica-se um quase abandono da impressão fora de portas. A fotografia, actualmente, vive pouco do papel e muito “colada” aos monitores dos computadores, tendo-se tornado mais económica e versátil.

A situação actual é excelente em termos de material. Existem três câmaras fotográficas topo de gama, suficientes para o pessoal existente no SIF. Desde 2003, quando se começou a usar em exclusivo o formato digital, armazenaram-se 75.000 fotos, apenas as consideradas aceitáveis em termos de qualidade e de interesse. O trabalho actual do SIF divide-se em fotos de cerimónias, protocolo ou eventos militares – cerca de 2/3 do volume de trabalho, e fotos de actividades operacionais e exercícios – cerca de 1/3.

A revista *Mais Alto*, a *Web Team*, as fotos que as RP divulgam no exterior da organização, as fotos usadas pelo CRM em publicidade de recrutamento e as foto tipo passe para Bilhetes de Identidade e para vistos militares tiradas no estúdio do edifício J, e entregues na hora, constituem o restante leque de utilizadores frequentes dos serviços do SIF.

---



### **g. Vídeo**

A produção cinematográfica em 16 mm acompanhou o CAVFA desde 1978 até à década de 90. No entanto, o Vídeo, meio muito mais versátil, começava a marcar o futuro e em 1981, adopta-se o sistema “ U-MATIC, com câmaras profissionais de gravador portátil e respectivo sistema de edição. Porém, a produção cinematográfica vai, ainda, resistir uns anos, com o formato 16mm a ser o usado para toda a produção institucional, ficando o Vídeo reservado para a Instrução e reportagem, áreas consideradas mais adequadas para este tipo de suporte.

Em 1979, realizou-se em Portugal uma reunião dos vários Centros de Audiovisuais dos Países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Da troca de informações e experiências resultou a decisão de incluir nas listas de material a fornecer a Portugal, durante os anos 80, como contrapartidas da Ajuda Militar Alemã pela utilização da Base de Beja, material de edição e captura de imagem de televisão de alta qualidade (Betacam), igual ao existente na RTP, que acabaria por chegar em 1987.

Passou a ser frequente ver imagens da FAP na televisão, nomeadamente nos anúncios de abertura de concursos de recrutamento, nos telejornais e mesmo em transmissões de Festivais Aéreos filmados em directo pelo CAVFA. Isto, para além da cobertura interna exaustiva de acontecimentos de relevo da vida da Instituição.

Em 1991, ainda fruto da Ajuda Militar Alemã, dá-se um novo e grande salto qualitativo nesta área. Chega novo sistema profissional de produção e pós-produção vídeo, o “BETACAM SP” (ainda hoje em uso nas televisões) e investe-se na formação de vários militares da área da manutenção electrónica nas instalações da SONY, na Alemanha.

O CAVFA torna-se então pioneiro, ao conceber e realizar durante ano e meio um Jornal-vídeo, distribuído trimestralmente, em formato VHS, por todos os Órgãos e Unidades, que pretendia dar a conhecer aos militares da FAP o que de mais relevante se passara na Instituição. Uma mudança nas chefias, que coincidiu com a saída de muitos militares do CAVFA para a SIC e a falta de

---



verbas para a compra de cassetes, acabaram com um projecto bastante inovador na sua concepção e que, ao nível da comunicação interna, jamais teve rival.

O filme é definitivamente abandonado em 1992, pelos custos elevadíssimos que implicava. O vasto acervo de filmes, resultante de 14 anos de uso da película, passou a ser gerido, compilado e tratado por uma área específica deste Centro, a Mediateca, que arquiva e cuida de todos os tipos de fotografias, vídeos e filme (que pelas condições de arquivo, com temperatura e humidade constantes, exigem uma sala especial no CAVFA) e que constituem um património de valor inestimável para a FAP.

#### **h. Sistemas de Edição Não-lineares**

No ano 2000 adoptaram-se os sistemas de edição áudio e vídeo não linear profissionais: o sistema AVID Express Pro, baseado em computador, cedo evidenciou enormes mais valias face ao seu “primo” analógico. Com custos de produção e operação/manutenção significativamente mais baixos, foi na qualidade de imagem e nas possibilidades infinitamente maiores de pós produção áudio, vídeo e de grafismos que as diferenças mais se fizeram notar. Em 2004, foi adquirido outro equipamento de edição não linear, Final Cut, que funciona em ambiente Macintosh. Este equipamento, dos melhores na actualidade, colocou de novo o CAVFA na dianteira no que diz respeito ao material Audiovisual utilizado por forças militares em Portugal.

#### **i. Integração no SDFA**

A partir de 1984, o CAVFA passou para a dependência funcional e orgânica do então criado Serviço de Documentação da Força Aérea (SDFA), que depende directamente do General Vice-Chefe do Estado-maior da Força Aérea (VCEMFA).

## **2. Panorama actual**

### **a. A actual situação de pessoal**

O CAVFA, em virtude da falta de pessoal especializado, hoje, limita-se a fazer reportagens fotográficas e em vídeo da vida institucional da FAP (sendo que o vídeo limita-se a colocar pequenos excertos na página oficial da FAP na Internet) tendo um oficial, cinco sargentos e duas praças, actualmente colocados na SPR. Para se ter uma ideia da falta de pessoal num Centro que em 1984 tendo

---



as mesmas funções de hoje, dispunha então de 30 militares nos seus quadros, temos actualmente um Centro dotado de três oficiais, cinco sargentos e quatro praças num total de 13 elementos para um quadro orgânico previsto (ver anexo C) de seis oficiais, nove sargentos, quatro praças e três civis num total de 22 elementos.

Mas ainda este ano, os dois elementos com maior experiência actualmente colocados no CAVFA, operadores na área da fotografia e do vídeo irão sair. O actual chefe da secção de fotografia, SAJ Roque sairá para uma colocação no estrangeiro que durará no mínimo 3 anos e o SAJ Rodrigues, único elemento do vídeo com capacidade de operar câmaras e todos os sistemas de edição, sairá para o próximo Curso de Promoção a Sargento-Chefe, não sendo certo o seu regresso ao CAVFA.

Se juntarmos estes dados objectivos ao facto de desde 2006, por diversas circunstâncias, mas sempre a pedido dos próprios, terem saído do CAVFA, dois oficiais experientes, um deles que chefiava a Área da Manutenção e o outro a Secção de Produção e Realização, ambos com mais de dez anos de trabalho nos Audiovisuais e quatro Sargentos, três do vídeo e um da fotografia, todos também com uma experiência a caminhar para os vinte anos de Audiovisuais, temos traçado um quadro bastante complicado e que ameaça paralisar este serviço.

O facto dos elementos que vão saindo terem sido substituídos com maior ou menor celeridade não resolve a situação porque temos de entrar aqui em consideração com outro factor impossível de contabilizar, mas essencial neste caso, que é a formação e a experiência. De facto, e dado que não há um quadro de militares especializados em Audiovisuais, quando um elemento com a experiência e o saber de dezenas de anos numa área tão específica como esta e a operar meios e sistemas tão complexos sai, abre-se um ciclo muito complicado de substituição. Os militares, acima referidos, entrevistados no âmbito deste trabalho, foram unânimes em considerar que a sua saída se deveu quase exclusivamente a cansaço e desmotivação e se consumou sem que tivesse havido um qualquer período de transição onde os seus eventuais substitutos tivessem oportunidade de, ao menos, tomarem um primeiro contacto com o serviço e com os equipamentos com que vão trabalhar. De resto, todos têm também consciência que, ainda que tivesse havido esse período, ele teria de ser

---



acompanhado por formação específica nas respectivas áreas (fotografia ou vídeo) e nos diversos equipamentos num processo que poderia prolongar-se por um período nunca inferior a um ano.

**b. A eficácia**

Face aos condicionalismos aqui descritos poderá questionar-se se não foi comprometida a eficácia e a eficiência de um serviço tão requisitado. Relativamente à fotografia os dados mensuráveis disponibilizados pelo CAVFA, apontam para os seguintes resultados:

Ano	2003	2004	2005	2006	2007
Saídas em reportagem	315	450	382	329	389
Fotos arquivadas	12500	14427	12650	17623	16000
Nº de fotógrafos	3	3	3	2	2

Vejamos agora os dados do vídeo:

Ano	2003	2004	2005	2006	2007
Saídas em reportagem	52	65	61	55	45
Fotos arquivadas	13	17	14	15	14
Operadores de Câmara/editores	5	4	4	2	1

É quase impossível aferir da eficiência do funcionamento de sectores que têm mais de artístico e de subjectivo do que a frieza dos números poderá indicar. Ainda assim a análise destes números permite-nos tirar algumas conclusões:

- verificamos que o número de fotógrafos ou operadores de câmara disponíveis não tem grande relação com o número de missões realizadas, ou seja, as necessidades da FAP não baixaram, a eficácia também não o que leva a concluir apenas que com menos pessoas se produz o mesmo trabalho, ou seja, na prática, as pessoas trabalham agora muito mais para
-



poder acorrer ás solicitações que se tem mantido mais ou menos constantes.

- na fotografia, a situação tem-se mantido mais ou menos constante e as variações, (excepto no ano de 2004 com um pico de missões que se explica com a realização do campeonato europeu de futebol em Portugal, a chegada dos Merlin EH 101 a realização de uma “Tactical Evaluation” e muitos pedidos do CRM e da ESQ 552) não são muito significativas. Certo é que as missões excedem em muito os dias úteis de cada ano, o que para dois fotógrafos significa que praticamente não há um dia (fins de semana incluídos) sem uma saída em reportagem, fora todo o outro trabalho de composição, recolha, arquivo e impressão.

- no vídeo, trabalho que exige mais pós produção, ou seja, que após a filmagem exige mais trabalho de composição e montagem das imagens em bruto de forma a originarem filmes, verificamos que as saídas são em número muito inferior aos filmes produzidos. O facto de muitos filmes precisarem de mais que uma saída para filmagens não explica, só por si, tamanha discrepância. O que significa é que se filma muito, mas se produzem poucos filmes. Ou seja, aqui a falta de pessoal não significa só que cada militar trabalha cada vez mais, dado que as solicitações se mantêm constantes. A falta de pessoal faz com que muito do que se filma fique, por vezes durante anos seguidos à espera de ser montado e arquivado, ou em alternativa cada vez mais utilizada, apenas sirva de pequeno apontamento de reportagem para a página da Internet da FAP. Note-se que em 2007 o vídeo ficou reduzido a apenas um elemento, que pela sua polivalência conseguiu ainda assim que a produção, mesmo baixando, não o fizesse significativamente, apesar do acréscimo de esforço exigido. Recordamos que este militar vai sair em Setembro deste ano e não tem, ainda, substituto.

Os pedidos de trabalho que chegam a qualquer momento aos Audiovisuais são na sua maioria provenientes do GABCEMFA e das RP. Além destes, provém ainda do Comando Operacional da Força Aérea (COFA), mais aquando do período das exposições da FAP que tem sido uma das grandes

---



responsabilidades e trabalho visível do CAVFA, e do CRM, sempre que há uma campanha que é preciso fazer nos Media. O CAVFA acaba por ter de exigir maior esforço ao pessoal e quem pede não entende as dificuldades para continuar a garantir condições de resposta célere a pedidos que são, quase sempre urgentes. Este esforço cada vez maior do pessoal não se tem traduzido, até ver e como verificámos, numa diminuição significativa do trabalho efectuado. Mas há evidentemente um limite que é a total incapacidade de resposta por falta de pessoal e que esse limite, caso nada seja feito entretanto, vai ser atingido rapidamente. Resta pensar como se pode obviar a que isso aconteça e é o que faremos nos próximos capítulos.

### **3. A Formação enquanto solução**

#### **a. Generalidades**

O CAVFA continuou, ao longo destes últimos anos de verdadeira sangria de pessoal, a formar alguns jovens praças na área do vídeo e da fotografia. Motivação adicional para os actuais colocados no Centro é o facto dos seus antecessores serem, hoje, reconhecidos técnicos que trabalham nos Media. Esta é uma prova que ainda se pode aprender e ensinar muito e bem na área dos audiovisuais, através da experiência e saber prático que ainda persiste na FAP.

#### **b. Criação de núcleos AV nas Unidades**

Há muito que defendemos que ao CAVFA deviam ser atribuídos meios, capacidades e pessoal que lhe permitissem funcionar (conforme está aliás previsto no RFA 304/7) como pólo dinamizador e orientador dos núcleos de audiovisuais que existam ou venham a ser criados na FAP.

Implementado um plano de acções de formação a ministrar pelo CAFVA a dois ou três elementos por unidade, estes passariam a ser “delegados” dos Audiovisuais e operariam os meios disponíveis nas diversas Unidades e Órgãos, consoante as prioridades estabelecidas pelos respectivos Comandantes. Quando necessário seriam apoiados na montagem e pós produção dos vídeos ou das fotografias pelo CAVFA. Para a implementação destas equipas, além de um espaço próprio, bastava uma máquina fotográfica e uma câmara digitais e um computador com software adequado para a manipulação digital de imagens.

Esta medida pouparia ao CAVFA uma significativa carga de trabalho nas

---



deslocações a diversas cerimónias e dias de Unidade, deixando mais tempo para preparar trabalhos de fundo, nomeadamente filmes institucionais, de instrução ou de apresentação de Unidades ou Esquadras de voo. Permitiria também um eventual reforço do CAVFA para grandes eventos e garantiria uma reserva de militares qualificados para suprir eventuais saídas de pessoal do CAVFA.

#### **c. O caso específico do GABCEMFA**

A exemplo do que preconizamos para as unidades, no GABCEMFA deveria existir uma equipa de audiovisuais, apoiada pelo CAVFA quando necessário, responsável pela recolha em foto e vídeo de tudo o que se julgue importante ser registado. Nos anos 80, por exemplo, o GABCEMFA tinha um fotógrafo próprio, que entretanto se reformou e que, pela escassez de pessoal qualificado, jamais foi substituído. Esta medida justificava-se dado que os pedidos do GABCEMFA marcam a agenda dos Audiovisuais (no caso da fotografia são responsáveis por dois terços das missões), dando origem a um volume de trabalho que faz que quase não haja um dia ou uma noite em que não seja preciso um fotógrafo no Gabinete ou fora dele.

#### **d. Criação de equipas de audiovisuais nas patrulhas acrobáticas**

A formação de equipas de audiovisuais destinadas às patrulhas acrobáticas “Asas de Portugal” e “Rotores de Portugal” deveria e poderia ser outra valência do CAVFA no imediato.

É norma as grandes patrulhas acrobáticas estrangeiras terem as suas equipas de audiovisuais. Estas patrulhas são, por excelência, fontes de muito boas e belas imagens. Se pensarmos na sua importância enquanto geradoras de interesse e “vontade de voar” junto dos potenciais candidatos à Força Aérea, torna-se evidente o interesse na captação vídeo e fotográfica das actuações de ambas as patrulhas. Além de servir para memória futura, poderiam ser aproveitadas nas páginas da Internet que a FAP destina a estas patrulhas ou na publicidade de recrutamento e exposições.

O CAVFA tenta estar presente em todas as exposições destas patrulhas, mas, por manifesta impossibilidade (caso das exposições em festivais aeronáuticos no estrangeiro) ou por falta de tempo e pessoal, estas imagens, são muitas vezes apenas recolhidas e guardadas e raramente montadas ou aproveitadas.

---



Pela experiência de muitos anos, pelo visionamento de muitos filmes de outros Países, e pelas opiniões dos nossos pilotos e dos profissionais das televisões portuguesas, percebemos que não há muitos por esse mundo fora com o saber, a experiência, a sensibilidade, a coragem e a determinação dos militares do CAVFA para este tipo de trabalho tão especial. Filmar e fotografar em voo é uma tarefa complicada que, além das condições físicas, exige qualificações técnicas específicas. Esta experiência única, de valor incalculável e que sempre constituiu um dos mais aliciantes desafios para os experientes fotógrafos e câmaras do CAVFA tem de ser rapidamente aproveitada e transmitida a alguém mais novo sob risco de perdermos esta experiência tão rara e útil para a FAP.

#### **e. Formação, estágios e intercâmbios no exterior da instituição**

Algo que decerto motivaria o pessoal do CAVFA, seria, uma vez transformado num pólo dinamizador e formador para o interior da Força Aérea poder virar-se também para o exterior e proporcionar estágios a estudantes das escolas de audiovisuais e de comunicação social, nas vertentes de operação de Câmara, da montagem e jornalismo televisivo.

O equipamento usado no CAVFA é igual ao utilizado nas televisões portuguesas e seria decerto com agrado que escolas e alunos “agarrariam” esta hipótese. Este caminho chegou a ser traçado, tendo-se realizado um primeiro estágio, com uma forte componente prática, destinado a alunos, finalistas da ETIC. Dos vários candidatos escolheram-se dois, um para estagiar na área da operação de câmara e outro na área de montagem. Foi um sucesso, para os alunos e para o CAVFA, como atesta o facto de um deles, o de edição de imagem, hoje, estar a trabalhar na SIC. Infelizmente, não se repetiu porque, hoje, o pessoal colocado no CAVFA é claramente insuficiente para garantir a continuidade desta actividade em complemento da actividade normal. Note-se, porém, que, no universo da Força Aérea ainda existe, por enquanto, pessoal suficiente para levar a cabo estas acções de formação, para o interior e para o exterior da organização. Bastava que durante um período de tempo determinado esse pessoal fosse temporariamente colocado em diligência no CAVFA para que estes cursos se realizassem.

É evidente que para a Organização isto seria benéfico. O contacto de jovens com formação na área de jornalismo com a instituição militar via Audiovisuais seria,

---



decerto, uma mais valia para todos, num futuro próximo. Muitas vezes, as visões distorcidas dos *media* sobre as FFAA passam pelo total desconhecimento dos jornalistas sobre a nossa instituição. E parece-nos, por experiência e nas opiniões ouvidas no âmbito deste trabalho que quanto mais conhecedores da realidade castrense melhor opinião dela tem. António Esteves, actual subdirector da Informação da RTP acha mesmo que no futuro, os intercâmbios e as relações só podem melhorar (ver anexo E)

Além disso, esta abertura ao exterior também se traduziria em acordos de cooperação que proporcionariam aos militares dos audiovisuais cursos em diversas áreas que não param de evoluir e onde é difícil, além de muito caro, arranjar formação. O acordo está pronto há muito (anexo G) e da ETIC, por ex. continua a haver interesse nele.

#### **4.Integração do CAVFA no MDN e suas implicações**

##### **a. Generalidades.**

Dos caminhos possíveis para o futuro, apenas dois nos merecem crédito. Não acreditamos que a FAP, por falta de acções práticas que são urgentes mas passíveis de implementar e que envolvem, como vimos, a formação de pessoal especializado, deixe acabar um Centro com 30 anos de história a “fazer” a Imagem da FAP. Assim, a resposta à segunda pergunta derivada sobre que perspectivas se abrem aos Audiovisuais da FAP para continuar a desempenhar a sua missão encontra a resposta na formação, única forma de garantir o futuro e dinamizar o CAVFA.

Mais, veremos que o caminho da formação “dentro de portas” é também o complemento ideal à outra alternativa que passa pela implementação de uma vontade política recentemente manifestada e no momento em estudo, que aponta para a criação de um órgão responsável pela Imagem das Forças Armadas, na dependência do MDN e que “absorveria” os Centros de Audiovisuais dos três ramos das Forças Armadas.

Neste capítulo, propomo-nos analisar as implicações para a FAP da eventual integração do CAVFA nesse órgão comum.

---



### **b. Vantagens práticas**

Importa sublinhar que, no panorama do audiovisual militar, parece ser a FAP quem, actualmente, dispõe dos melhores equipamentos e dos melhores técnicos. Ora, isso torna o CAVFA muito apetecível para um hipotético órgão que integre militares dos 3 ramos. O nível que se conseguiria alcançar juntando o material e pessoal dos 3 ramos permitiria fazer de raiz um moderno centro audiovisual capaz de produzir todo o tipo de conteúdos comunicacionais (rádio, televisão, imprensa, multimédia) para a Defesa Nacional.

Um projecto deste tipo teria a grande vantagem da versatilidade que, naturalmente, resultaria da junção de diversas pessoas e experiências num único órgão vocacionado para a Defesa Nacional, e que poderia resultar em algo inovador e diferente do trabalho até agora realizado por cada um dos ramos isoladamente – veja-se o exemplo dos Institutos Superiores Militares de Ensino. Além disso, um órgão de características abrangentes como este teria, necessariamente, de apostar também numa chefia consensual e de reconhecidos méritos e competência.

### **c. Imagem e vontade política**

O exercício de promoção da Imagem das Instituições militares passou a estar fortemente dependente, quer da vontade política dos governantes em proporcionar condições para a consecução dos objectivos de Defesa Nacional, quer da receptividade dos jovens, quer, ainda, das condicionantes de natureza económica, sócio-cultural e demográfica que se fazem sentir na actualidade. Esta promoção, hoje, segundo a opinião do responsável pelas Relações Públicas do MDN, o TCOR INF Vítor Borlinhas, deve “assentar na modernização e atractividade da imagem militar, que leve os jovens a olhar para as Forças Armadas e que ao mesmo tempo mostre ao público em geral as suas transformações constantes e empreendedoras, projectando uma imagem moderna junto da população em geral.”

### **d. A Imagem actual das Forças Armadas.**

Ainda segundo este responsável das RP do MDN, baseado num estudo desenvolvido recentemente pela Dra. Joana Cardão na sua tese de Mestrado, defendida em 2007 no Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE) e intitulada “Identidade Visual das Forças Armadas”, não restam dúvidas que, “na

---



situação actual, são as FFAA que têm de se adaptar aos seus "clientes" e não o contrário. Assim sendo, o conhecimento actualizado sobre as dinâmicas sociais, em particular no que diz respeito ao público-alvo, avaliando as tendências juvenis, de forma a poder responder-lhes adequadamente, torna-se indispensável.”

Da análise realizada pelo MDN às práticas promocionais em uso nas FFAA resultou claro para os seus responsáveis que se torna imperioso realizar profundas alterações, seja nas formas de comunicar, seja nos conteúdos vinculados, de modo a que a comunicação passe a contemplar os reflexos da constante mudança sócio-cultural e possa, assim, responder com eficácia à forte concorrência instalada.

Torna-se, pois, necessário, segundo o TCOR Borlinhas, “conceber uma estratégia de imagem que utilize os meios e materiais mais adequados, apostando numa linguagem que desperte a atenção dos jovens. Uma tal tarefa impõe claramente o recurso a saberes e competências profissionais que as FFAA já dispõem e que, neste momento, estão dispersos em vários serviços, logo não se retirando daí a sua maior rentabilidade e vocação.”

Parece evidente que nas afirmações acima transcritas se aponta claramente para a centralização de saberes e materiais que se encontram dispersos pelas Forças Armadas e aqui, cabe naturalmente o CAVFA, que a FAP corre assim o risco de “perder” a favor do MDN.

Porém, se, como advogamos no capítulo anterior, o CAVFA se assumir rapidamente num pólo dinamizador e formador de múltiplas “células” de audiovisuais, pode-se encarar o futuro com optimismo e desdramatizar a transferência de um serviço central importante, assumindo que essa perda se transformará a médio prazo num ganho significativo para a Imagem das Forças Armadas e naturalmente para a própria FAP.

#### **e. Implementação de um gabinete comum**

Implementar um processo desta natureza é seguramente complexo, poderá encontrar dificuldades e resistências, exige empenhamentos individuais e institucionais e os resultados apenas serão visíveis a médio ou longo prazo. Mas, para o MDN, este é o caminho para uma solução eficaz e duradoura na construção de uma moderna Imagem das Forças Armadas.

---



A autora da tese de Mestrado acima referida, Dra. Joana Cardão, foi Oficial contratada da Força Aérea Portuguesa, esteve colocada no CAVFA como designer gráfica, teve como orientador o COR TOCART Carlos Barbosa, anos a fio o responsável pelas RP da FAP e como arguente o actual Vice-Chefe do Estado Maior da Força Aérea, o Exmo. Sr. GEN Castro Leal. Curiosamente, pouco após a defesa da sua tese, a autora, foi requisitada pelo MDN e tem desenvolvido, de há meio ano a esta parte, um Plano de Comunicação, que neste momento está pronto a entregar ao Exmo. Sr. Secretário de Estado da Defesa Dr. Mira Gomes. Da longa conversa com a autora sobre as ideias-chaves que nele são defendidas, fiquei a saber que nele se afirma, entre outras coisas que:

“A questão da imagem das FFAA constitui um exemplo de algo que carece de ser tratado com profundidade e profissionalismo”.

Efectivamente, as soluções até agora avançadas parecem estar longe de proporcionar os resultados desejados, nomeadamente ao nível do recrutamento, onde as dificuldades não param de aumentar em cada ano que passa.

Nesse estudo refere-se que “A estrutura militar ressent-se da falta de uma identidade visual e da falta de adesão dos jovens aos objectivos de Defesa Nacional (DN). Porém, tardam a ser implementadas medidas estratégicas de combate ao problema.”

De facto, pensamos que o aumento crescente das responsabilidades imputadas às FFAA, sobretudo a nível internacional, a par da constatação do acentuado desinteresse dos jovens pela vida militar e dos factores demográficos adversos, faria prever um maior empenhamento político na tomada de medidas efectivas de modernização da imagem militar, já que estamos a falar de um dos principais pilares do Estado: as Forças Armadas. De facto, hoje como no passado, não é possível pensar na independência dum Estado sem Forças Armadas organizadas e competentes, capazes de responder com distinção às exigências de Defesa Nacional que os tempos modernos colocam.

#### **f. Modernização da Imagem das Forças Armadas**

A aposta governamental na área da Defesa tem passado pela utilização das FFAAs como instrumento de apoio à política externa, realçando-se que a realização das missões internacionais satisfaz igualmente interesses domésticos, pois melhora a imagem das FFAA e do Estado.

---



A política de Defesa Nacional, na sua componente militar, ainda que subordinada a disposições legais aprovadas em sede de Assembleia da República ou de Conselho de Ministros, nunca deixou, nos últimos anos, de ser marcada pelo cunho pessoal dos que assumem a responsabilidade pela sua execução. No entanto, é um facto que a projecção e a modernização da imagem das Forças Armadas tem sido um objectivo comum dos últimos responsáveis máximos pela Defesa Nacional.

Para o ex-ministro da Defesa Nacional Dr. Paulo Portas (2004), "Quanto mais modernizarmos as infra-estruturas e os equipamentos das Forças Armadas, mais as Forças Armadas serão atractivas para os jovens".

"Realizaremos uma forte campanha de promoção da imagem das Forças Armadas junto dos jovens, como nunca antes se viu em Portugal. Não descansaremos enquanto não tivermos feito, depois de uma concepção correcta e da devida articulação com os ramos, o máximo que está ao nosso alcance para poder chegar aos jovens. A própria modernização dos símbolos será chamada a participar na projecção da profissionalização com o grande impulso de Forças Armadas no Século XXI"

Também o ex-ministro Luís Amado (2006), reforçava que, " As Forças Armadas têm de melhorar a sua imagem". "A imagem que as Forças Armadas devem projectar no futuro tem que ser compatível com a competição que têm que manter no mercado de trabalho"

Já o actual ministro da Defesa Nacional Prof. Dr. Severiano Teixeira, Ministro da Defesa Nacional, na abertura solene do ano lectivo 2006/2007 do IESM defendeu que as Forças Armadas já mudaram de imagem: "Todos nós sentimos com satisfação que a imagem das Forças Armadas mudou e que as instituições militares têm hoje o prestígio e o reconhecimento que merecem.", "No plano organizacional, a reforma abrange os três níveis de Defesa Nacional: o Ministério da Defesa Nacional, o Estado-Maior General das Forças Armadas e os três Ramos das Forças Armadas."

"Em termos concretos, no plano organizacional, as alterações mais significativas, ao nível do Ministério da Defesa Nacional deve traduzir-se na centralização da obtenção e atribuição de recursos, o chamado «procurement», e

---



na criação de estruturas directoras para o Ensino Superior Militar, para a Saúde Militar e para as *Tecnologias de Informação e Comunicações*".

E esta última frase, pensamos nós é bem significativa e demonstrativa da vontade de avançar para a criação de um centro de audiovisuais conjunto, e que segundo o plano de comunicação entretanto entregue ao secretário de estado da Defesa, será responsável pelo enfatizar do papel instrumental das FFAA ao serviço da política do País, mas sobretudo pelo assumir de uma nova dimensão simbólica: o desempenho das FFAA como um todo e a sua profissionalização são assumidos publicamente como estruturantes da imagem de Portugal.

### **g. Condicionantes da Imagem das Forças Armadas**

Apesar da vontade política assumir um papel central na constituição e manutenção de uma estrutura das Forças Armadas coesa e eficaz, outros aspectos, de natureza diversa, constituem igualmente factores de inquestionável importância, pela forma como condicionam a imagem das FFAA.

Assim, importa aqui analisar a questão da Imagem das FFAA, a forma como a Instituição Militar é percebida, e que apenas poderá ser adequadamente compreendida se tivermos em conta o quadro dos valores e representações sociais que identificam e singularizam os jovens de hoje, sendo certo que a uma imagem positiva corresponderá, em situações normais uma maior adesão dos jovens à vida militar.

Parte da Imagem das FFAAs, e naturalmente da FAP, advém das formas de divulgação usadas para o recrutamento ao longo das últimas décadas e que passaram pela distribuição de folhetos e cartazes e a inserção de anúncios na televisão, rádio e na imprensa, actividades promocionais que hoje, naturalmente, continuam a realizar-se.

No Mundo Ocidental, a adaptação das Instituições Militares à nova realidade "pós-militarista", levou-as a adoptar práticas de funcionamento típicas da sociedade civil. Efectivamente, a partir do momento em que as Forças Armadas passaram a entrar na corrida pelo concurso dos jovens, rivalizando com instituições de ensino e com centros de formação e empresas, segundo as regras de uma lógica de mercado, o recurso ao "marketing" e à publicidade tornou-se indispensável, como forma de assegurar a sua sobrevivência.

---



Na promoção do “produto militar” é hoje, imperioso, ir onde estão os jovens. Em Portugal, esta questão não passou igualmente despercebida. Na sensibilização da juventude para os valores da coesão nacional e da importância da defesa na nossa identidade, que passa também pela Defesa Militar, tem-se utilizado cada vez mais, as modernas técnicas comunicacionais.

Mas, segundo os responsáveis pelas RP do MDN, não obstante algumas melhorias entretanto verificadas, ainda continuam a verificar-se, nos ramos, posturas quase amadoras, não só nas actividades de contacto directo, a maioria das vezes levadas a efeito por pessoas que não possuem experiência adequada para o fazer, mas também nos materiais publicitários utilizados (anúncios, desdobráveis e cartazes) onde para além de uma reduzida criatividade, se misturam discursos onde o arcaico alterna com o moderno e onde a falta de inovação na forma e na composição são constantes.

#### **h. O caso da publicidade televisiva**

Mas se o carácter quase amador é aquele que mais transparece na produção de materiais gráficos e na realização de actividades promocionais, no tocante à inserção dos anúncios televisivos, as restrições orçamentais podem ser apontada como responsáveis pelo facto de não se recorrer aos canais de maior audiência entre os jovens e ao período de horário nobre, onde garantiriam uma maior cobertura do público-alvo, acabando por “ir para o ar” em períodos chamados “institucionais”, fora de horas, num canal, o dois, de audiências quase residuais do público a que se destinam os anúncios. Sem dúvida que assim, os custos são bem menores, mas naturalmente que os resultados também o são.

Tempos houve, quando era impensável as televisões possuírem helicópteros próprios, em que, entre a FAP e a RTP havia um “acordo de cavalheiros”. A troca da cedência de imagens aéreas captadas pelo CAVFA, ou, pontualmente, da utilização dos nossos helicópteros para filmagens de provas desportivas como a Volta a Portugal, por exemplo, a RTP reservava vagas nos cursos que ministrava no seu centro de formação, para o pessoal da FAP. Foi assim que, durante os anos 80, o pessoal do CAVFA se formou nas mais diversas áreas de televisão. Deste acordo, resultava também para a FAP uma vantagem adicional que era a da inserção da publicidade institucional em horário nobre sem qualquer tipo de custos.

---



Hoje, e na falta de acordos que nunca mais foram sequer equacionados, assistimos, na nossa perspectiva, à falta de uma lógica e de uma política comum de divulgação que permita que as Forças Armadas usem a publicidade televisiva de uma forma mais ou menos mais ou menos constante. O que vemos são algumas campanhas desgarradas, um pouco ao sabor das restrições orçamentais, que resultam ora em prolongados períodos de total ausência de anúncios institucionais em horários nobres, como o que parece estar a viver-se neste momento, ora em surpreendentes e muito caras Campanhas como a que foi desenvolvida durante o Euro 2004. Recorde-se que a Força Aérea teve, inclusivamente, um anúncio seu a passar no intervalo da transmissão da Final do campeonato. Do impacto efectivo que isso teve junto dos jovens e que resultados práticos trouxe à FAP, não se faz ideia por falta de estudos que nos esclareçam.

#### **i. Objectivos do Centro Conjunto de Imagem**

Apesar de não passar ainda de um projecto, foi-nos possível apurar que do TCOR Borlinhas, até à Dra. Joana Cardão, passando pelas assessoras de Imprensa do Ministro, todos nas RP do MDN, concordam que os objectivos do Centro de Imagem passarão pela “implementação de uma política de imagem, que no futuro, se pretende comum aos três ramos, através do combate à ausência de rigor científico, à confiança na intuição, às fontes de informação e conhecimento pouco fiáveis e ao senso comum tantas vezes invocado para servir de apoio às nossas crenças e preconceitos”

Foi-nos ainda possível apurar que tendo em vista proporcionar o aumento da credibilidade da imagem das FFAA, as acções a desenvolver por esse Centro passariam por 3 fases, a saber:

1ª – “Envolver o Poder Político na alteração de Atitudes e Crenças”.

Não restam dúvidas de que o poder político reconhece às FFAA importância suficiente para desejar a sua continuidade. É nesse sentido que defende a necessidade de uma estratégia de sensibilização da sociedade portuguesa para os valores de Defesa Nacional, de modo a proporcionar uma maior consciencialização e adesão dos cidadãos aos objectivos de Defesa e às instituições que a asseguram.

A alteração das atitudes e crenças dos jovens apenas será possível, pela adopção de medidas que, desde tenra idade, fomentem a interiorização no seu

---



imaginário de uma consciência de Defesa Nacional. Para tal, será indispensável actuar na educação dos jovens ao longo de toda a escolaridade obrigatória, através da introdução curricular de matérias que dêem conta da importância das missões atribuídas às FFAA, da sua história, dos seus ideais e da concretização prática da sua actuação, em Portugal e no estrangeiro, de forma a fazer renascer nos jovens o orgulho de ser Portugueses.

É ao Estado que compete a formação cívica dos seus cidadãos, e se com a educação rodoviária, sanitária e sexual, se pretende fazer dos jovens de hoje melhores homens do amanhã, não menos importante será transmitir-lhes que o legado cultural dos seus antepassados é um valor a preservar e que, nesse particular, as FFAA desempenham um papel fundamental, já que nelas assenta fortemente a preservação da Independência Nacional e, em boa parte, a afirmação de Portugal no Mundo.

2ª – “Reforçar credibilidade”.

A credibilidade das FFAA terá de passar, necessariamente, pela adopção de uma Política de aproximação aos Media, conhecida que é a importância estratégica de uma Imagem pública favorável e o papel que nela desempenham os Media. A definição desta política deverá passar, desde logo, pela adopção de um relacionamento de "boa convivência" para com os jornalistas. Há que estabelecer uma familiarização daqueles profissionais com a "cultura militar" através de cada vez maior promoção de encontros e cursos destinados a jornalistas (como os cursos de treino para cenários de guerra, e que tem tido enorme êxito e destaque nos media). Este tipo de relacionamento aberto e cortês permitiria granjear a estima daqueles profissionais, tentando acautelar a saída de notícias incorrectas ou comprometedoras, para além de mais facilmente possibilitar a difusão de notícias das actividades desenvolvidas pelas FFAA.

3ª – “Aproximação aos Jovens”.

As FFAA precisam de estar onde os jovens estão. Esta aproximação tem de ser efectiva e afectiva e não se compadece com uma postura passiva. Daí fazer todo o sentido estabelecer-se uma política de divulgação em eventos de natureza diversa: festivais de música; concentrações de "motards"; provas desportivas de carácter regional e nacional, etc. Para além da maior visibilidade que tais eventos proporcionam, constituem ainda oportunidades ímpares para a

---



projectação duma imagem moderna, mais próxima da sociedade civil e, em particular, do “espírito jovem”.

#### **j. Modelo de promoção da Imagem das Forças Armadas**

Foram aqui descritas as acções que o MDN acredita serem indispensáveis à concretização do desenvolvimento de medidas que, de uma forma sustentada e coerente, permitam a modernização da imagem das FFAA como um todo e consequentemente da FAP.

As modalidades de acção previstas são múltiplas e variadas, cobrem domínios diversos e exigem diferentes níveis de responsabilização. Algumas, pelo seu carácter estritamente estrutural, impõem a necessidade de um envolvimento político ao mais alto nível, situando-se, portanto, a montante das FFAA. Outras, que envolvem uma actuação mais particular e específica, como a junção de diversos serviços de Audiovisuais num só, vêm ancorada a responsabilidade da sua execução ao nível interno.

É nossa firme convicção, após a análise desta hipótese e face a todos os condicionalismos existentes a nível de pessoal disponível e qualificado e da sua motivação, que só a junção dos esforços dos diversos serviços dos três Ramos, as suas valências e experiências, homens e equipamento garantiriam o conjunto necessário para empreender esta mudança de uma forma sustentada e com benefícios para todos de uma forma que garantisse a imediata adesão e entusiasmo neste projecto.

Tanto o envolvimento político como o das chefias militares constituirão as peças chave de um todo que constitui uma estratégia de mudança, mas que é também, no nosso entender, a melhor garantia da obtenção de uma imagem sustentada, positiva e de excelência das Forças Armadas Portuguesas em conjunto, logo também da FAP.

Nesse sentido, confrontados os dados obtidos e a discussão feita á volta da hipótese da criação de um centro conjunto poder trazer vantagens para a Imagem da Força Aérea, constata-se que esta se confirma. Em vez de se continuar numa atitude passiva que não trará soluções milagrosas e que acabará por esvaziar a breve prazo de pessoal qualificado um Centro com um potencial enorme, mas desaproveitado, a criação de um Centro Conjunto de Imagem do MDN, com objectivos bem definidos, equipado, com material de ponta e com

---



peçoal altamente qualificado e motivado pelo facto de estar a criar uma estrutura nova, nas actuais circunstâncias, trará seguramente benefícios para a Imagem da FAP.

Resta acautelar o futuro, implementando equipas de reportagem nas unidades, que além de se poderem constituir como fonte de imagens que esse Centro necessite, serão vitais para que não se perca a capacidade de continuar a registar para a posteridade, a nossa História em imagens.

---



## Conclusões

Após a análise feita ao longo deste trabalho é nossa firme convicção que, embora não a façam só por si, a Imagem institucional da Força Aérea, no futuro, passará indubitavelmente pelos Audiovisuais, independentemente de onde estejam.

Porém se a FAP quiser continuar a ter uma referência nos seus Audiovisuais é essencial um esforço no sentido de rapidamente colocar no CAVFA mais pessoal, sob pena de ruptura e impossibilidade de cumprir sequer os serviços mínimos de reportagem. Com o mais alto nível de equipamentos de sempre, os Audiovisuais correm o risco de parar por falta de pessoal.

Resolvida esta questão prévia, será na formação que residirá a chave do problema. A FAP ainda dispõe nas fileiras de pessoas que não estando de momento no CAVFA dispõem do saber e da experiência mais que necessários para formar nas diversas áreas técnicas, pessoal capaz de devolver aos Audiovisuais o nível de proficiência que já tiveram nos anos 90.

Definidos, testados e melhorados, os cursos entrariam em calendarização anual sistemática de molde a permitir que no mais curto espaço de tempo, todas as unidades, Esquadras de voo e Patrulhas Acrobática tivessem a sua própria equipa de audiovisuais. Esta “rede” de Audiovisuais nem sequer precisará de grande investimento, pois as câmaras são cada vez melhores, mais baratas, mais simples de operar e a maioria das Unidades dispõe já de equipamentos próprios.

Garantida a formação no Interior da Instituição e criada uma dinâmica de produção regular de conteúdos, destinados ao interior da Organização, aos Media ou à Internet poderíamos pensar no passo seguinte e promover estágios para jovens na área do Jornalismo dentro de portas. Estamos convencidos que estes estágios seriam as bases de uma nova era de relacionamento com os jornalistas, com os reflexos positivos que isso inevitavelmente traria à Imagem da Força Aérea.

Esta dinâmica de formação que conduzirá à criação de várias equipas, garantirá o futuro de qualquer forma, independentemente do tempo que demorar a criação de um Centro conjunto. Essa intenção, que acreditamos firmemente, será concretizada, dado que foi uma vontade expressa pelo próprio Ministro da Defesa Nacional, dependerá sempre de uma conjuntura interna e externa favorável e da continuação de uma clima de estabilidade e continuidade das políticas traçadas que permita a evolução natural desse

---



projecto. A definição dos moldes em que se verificará a reunião de material de tão grande complexidade e valor, a articulação de esforços necessários entre os ramos para que tudo possa funcionar em pleno e a definição de quem vai fazer o quê, serão decerto os passos seguintes.

A orientação seguida ao longo deste trabalho, e os aspectos conclusivos já evidenciados, conduziram à validação das hipóteses levantadas. O problema actual da falta de pessoal especializado em Audiovisuais pode ser resolvido com formação dentro de portas dado que a FAP ainda conta nas suas fileiras com pessoal suficiente para formar equipas de audiovisuais que garantam o futuro. A eventual criação de um Centro conjunto de Audiovisuais, ainda que leve a FAP a “perder” um Centro cheio de possibilidades e de história, uma vez garantido o futuro nas Unidades, e perante a inevitabilidade de uma decisão política, acabaria por se traduzir num ganho futuro na eficácia da promoção conjunta de uma Imagem moderna e de prestígio da Defesa Nacional.

A resposta à questão central levantada no início do trabalho: **“Face à crescente importância dos meios multimédia e das novas tecnologias na projecção de uma imagem que se quer moderna e de prestígio das Forças Armadas, será possível à Força Aérea, continuar a ter nos seus Audiovisuais, apesar da falta de pessoal especializado, um meio privilegiado de difusão da sua Imagem?”** é, portanto, afirmativa.

Com este trabalho, julgamos ter contribuído para aumentar o conhecimento sobre o porquê da situação em que vivem actualmente os Audiovisuais e o potencial enorme que estes ainda podem representar para a Instituição. Esperamos, ainda, ter contribuído com pistas importantes para que a FAP possa desenvolver, de forma efectiva, políticas conducentes a melhorar os Audiovisuais e a fazer deles um motivo de orgulho para a Instituição, quando comemoram 30 anos de história, independentemente de continuarem ou não no seu seio.

Na perspectiva da validade deste trabalho de investigação, em que analisámos o contexto e a problemática do futuro dos Audiovisuais, importa apontar as seguintes recomendações:

- A criação de condições para a implementação das medidas de formação aqui preconizadas, dotando o CAVFA dos meios humanos necessários, mesmo que

---



temporariamente, para o pleno funcionamento enquanto pólo de formação e para o cumprimento cabal da sua missão;

- A criação de uma equipa multidisciplinar que elabore um plano de formação em Audiovisuais para a Força Aérea e que analise as necessidades de cada unidade.

---



## Bibliografia

AMADO, Luís. (2006). Colóquio "Jovens e Forças Armadas". Disponível na Internet em:  
[http://dn.sapo.pt/2006/04/12/nacional/forcas\\_armadas\\_de\\_melhorar\\_imagem.html](http://dn.sapo.pt/2006/04/12/nacional/forcas_armadas_de_melhorar_imagem.html).

CALDAS, Júlio Castro. (2001). Discurso de tomada de posse do novo Director-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar. Disponível na Internet em:  
[http://www.mdn.gov.pt/Defesa/Discursos/historico/Castro\\_Caldas/posse\\_Director\\_DGPRM.htm](http://www.mdn.gov.pt/Defesa/Discursos/historico/Castro_Caldas/posse_Director_DGPRM.htm).

CARRILHO, Maria. (1998). Portugal no Contexto Internacional: Opinião Pública, Defesa e Segurança. Lisboa: Edições Cosmos/IDN. ISBN 972-762-112-0.

FERREIRA, Vítor Sérgio. (1998). Atitudes Perante a Sociedade. In Machado Pais [et al.] - Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Lisboa: ICS/SEJ, ISBN 972-96629-2-4. p. 149-244.

Governo. (2005). Programa do XVII Governo Constitucional, Capítulo V Portugal na Europa e no Mundo. II Defesa Nacional

Ministério da Defesa Nacional. (2005). DGPRM, Colóquio Jovens e Forças Armadas, estudo no âmbito da Dia da Defesa Nacional. Lisboa: MDN.

PAIS, Machado; "et al.". (1998). Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea. Lisboa. ICS/SEJ, ISBN 972-96629-2-4.

PORTAS, Paulo. (2004). Conferência de imprensa do Ministro de Estado e da Defesa Nacional, no MDN sobre as medidas para a profissionalização das Forças Armadas. Disponível na Internet em: [www.mdn.gov.pt/.../0/Discurso\\_Paulo\\_Portas\\_Conferencia\\_Imprensa\\_22mar2004.pdf](http://www.mdn.gov.pt/.../0/Discurso_Paulo_Portas_Conferencia_Imprensa_22mar2004.pdf)

---



SILVA, Aníbal Cavaco. (2007). Mensagem do Comandante Supremo das Forças Armadas. Disponível na Internet em: <http://www.presidencia.pt/comandantesupremo/>.

SILVA, Aníbal Cavaco. (2006). Discurso do Presidente da República nas Cerimónias Militares das Comemorações do Dia 10 de Junho. Disponível na Internet em: <http://www.presidencia.pt/comandantesupremo/?idc=304&idi=758>.

SILVA, Aníbal Cavaco. (2006). Discurso do Presidente da República nas Cerimónias Militares das Comemorações do Dia 10 de Junho. Disponível na Internet em: <http://www.presidencia.pt/comandantesupremo/?idc=304&idi=85>.

SARTORI, Giovanni (2000). Homo Videns, televisão e pós pensamento. Lisboa, Terramar.

SUBTIL, Filipa (2006). A comunicação entre a utopia e a tecnocracia: para uma fundamentação teórica das tecnologias da informação. Lisboa, ISCSP.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. (2006). Sessão de Abertura Solene do ano lectivo do IESM. Disponível na Internet, em: [www.mdn.gov.pt/NR/rdonlyres/01803F5C-1BEF-401E-ABED\\_F0FA4607588A/0/Seesao\\_Abertura\\_ano\\_lectivo\\_IESM.pdf](http://www.mdn.gov.pt/NR/rdonlyres/01803F5C-1BEF-401E-ABED_F0FA4607588A/0/Seesao_Abertura_ano_lectivo_IESM.pdf)

---

## Anexo A – Corpo de Conceitos

**Edição linear** – é o processamento de áudio e vídeo a ser editado em mesas ou ilhas analógicas de edição de vídeo, adicionando legendas, locuções e efeitos especiais. A edição linear consiste em cortes secos, onde temos um máquina (VT) reprodutora e uma gravadora. Visualizando aquilo o que é de interesse na fita, no momento de sua reprodução, gravamos o conteúdo desejado em outra fita, na máquina gravadora. É o que chamamos de PLAY/REC.

No início da indústria cinematográfica os filmes eram editados linearmente, ou seja, as películas com as diversas tomadas eram cortadas e depois coladas na sequência desejada.

**Edição não linear** – processamento do áudio e do vídeo onde o filme é convertido para um formato digital e pode ser modificado livremente.

Normalmente os filmes são digitalizados no formato AVI, desenvolvido pela Microsoft. Este é um formato bruto, também chamado de Raw, que ocupa bastante espaço por minuto de filme.

Depois da edição o filme é convertido para algum formato comprimido como MPEG-1, MPEG-2 ou MPEG-4, tipos de MPEG, ou exportado para fita, película ou DVD, de acordo com a finalidade.

Os primeiros aparelhos de edição não linear eram computadores projectados apenas para esta função. Actualmente são usados computadores padrão com software proprietário como: Final Cut Pro (somente para Macintosh), Adobe Premiere (somente para PC), Avid (Tanto para PC quando para MAC) e Sony Vegas. (Windows). Hoje em dia é bastante simples montar uma estação não linear de edição, basta uma câmara *mini-dv* e um bom computador com uma boa placa de vídeo e ligações *firewire* e alguns programas de áudio e vídeo e temos uma ilha de edição.

**Interface gráfica do utilizador** - também conhecida como **GUI**, do inglês: *Graphical User Interface* é um mecanismo de interacção entre o utilizador e o computador através do rato ou do teclado onde o usuário tem a possibilidade de



seleccionar símbolos e manipulá-los de forma a obter algum resultado prático. Esses signos são designados por *widgets* e usados num ambiente gráfico que resulta de um software feito para facilitar e tornar prática a utilização do computador através de representações visuais do Sistema Operacional.

**Macintosh**, ou **Mac**, é o nome dos computadores pessoais fabricados e comercializados pela Apple Inc. desde Janeiro de 1984. O nome deriva de *McIntosh*, um tipo de maçã apreciado por Jef Raskin, dono da empresa. O Macintosh foi o primeiro computador pessoal a popularizar a interface gráfica (GUI), na época um desenvolvimento revolucionário. Hoje, é bastante utilizado para o tratamento de vídeo, imagem e som.

Os primeiros modelos foram construídos em torno dos microprocessadores da família 68000 da Motorola. Com o surgimento de arquitecturas mais poderosas, a partir de 1994 foi empregada a família de processadores PowerPC da IBM e Motorola. Em 2006, uma nova transição ocorreu, com a adopção de processadores Intel, da família Core.

Os Macintosh funcionam normalmente com o sistema operacional Mac OS, mas outros sistemas também estão disponíveis, como o Linux.

**Mass Media ou Órgãos de Comunicação Social (OCS)** – Os *Mass Media* são sistemas organizados de produção, difusão e recepção de informação. Estes sistemas são geridos por empresas especializadas em comunicação de massas e exploradas em regimes concorrenciais, monopolísticos ou mistos. As empresas podem ser privadas, públicas ou estatais. Os *Mass Media* comportam diferentes suportes ou tipos de transmissão da informação:

Por difusão:

- Escrita (imprensa escrita, jornais e revistas)
- Áudio (rádio)
- Audiovisual (televisão, vídeo e cinema)

Por edição:

- Escrita (livro)



- Áudio (disco)
- Escrita e visual (cartaz e poster)
- Audiovisual (documentos audiovisuais)

Os vários meios de expressão social: a imprensa, a televisão, a rádio e o cinema, são orientados para um público que se pretende o mais abrangente possível, produzindo um produto específico de mensagens políticas, ideológicas, comerciais, recreativas e culturais.

**Multimédia** – É a combinação, controlada por computador, de pelo menos um tipo de meio estático (texto, fotografia ou gráfico), com pelo menos um tipo de meio dinâmico (vídeo, áudio ou animação).

Esta combinação produz informação que se destina a ser apresentada e apreendida de maneira multissensorial, quer isto dizer que mais de um sentido humano está envolvido no processo, facto que pode exigir a utilização de meios de comunicação que, até há pouco tempo, raramente eram empregados de maneira coordenada, a saber:

Som (voz humana, música, efeitos especiais)

Fotografia (imagem estática)

Vídeo (imagens em pleno movimento)

Animação (desenho animado)

Gráficos

Textos (incluindo números, tabelas, etc.)

O termo *multimédia* refere-se portanto a tecnologias com suporte digital que visam criar, manipular, armazenar e pesquisar conteúdos. O conteúdo multimédia está associado normalmente ao computador pessoal que inclui suportes para grandes volumes de dados, os discos ópticos como os CDs, DVDs, *pen-drives* e Discos Externos portáteis. Abrange também nas ferramentas de informática a utilização de arquivos digitais para a criação de apresentações empresarias, catálogos de produtos, exposição de eventos e para catálogos electrónicos com mais facilidade e economia. Privilegiando o uso dos diversos sentidos, este tipo de tecnologia abrange diversas áreas da informática.



**Tecnologias de Informação e Comunicação** (TICs) ou mais simplesmente chamadas “Novas tecnologias” são as tecnologias e métodos para comunicar surgidas no contexto da Revolução Informacional, "Revolução Telemática" ou Terceira Revolução Industrial, desenvolvidas gradualmente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 1990. A maioria delas caracteriza-se por agilizar, horizontalizar e tornar mais acessível e democrático o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes (mediada ou não por computadores) para a captação, transmissão e distribuição das informações (texto, imagem estática, vídeo e som). Considera-se que o advento destas novas tecnologias (e a forma como foram utilizadas por governos, empresas, indivíduos e sectores sociais) possibilitou o surgimento da "sociedade da informação". Alguns estudiosos já falam de “sociedade do conhecimento” para destacar o valor do capital humano na sociedade estruturada em redes telemáticas.

São consideradas TICs, entre outras:

Os computadores pessoais

A impressão por impressoras domésticas

As câmaras de vídeo e foto para computador ou webcams

A gravação doméstica de CDs e DVDs

Os diversos suportes para guardar e transportar dados como as disquetes, CDs, DVDs, cartões de memória, *pen-drives*, *zip-drives* e discos externos

Telemóveis

TV por cabo

TV por satélite.

O correio electrónico (e-mail)

A Internet

A *world wide web* (ou WWW, a principal interface gráfica da Internet)

Os *websites* e *home pages*



O *streaming* (fluxo contínuo de áudio e vídeo via Internet)

O *podcasting* (transmissão sob demanda de áudio e vídeo via Internet)

As enciclopédias colaborativas, como a *Wikipedia*, possível graças à Internet, à www e à invenção do *wiki*

As tecnologias digitais de captação e tratamento de imagens e sons

A captura electrónica ou digitalização de imagens (*scanners*)

A fotografia o som e o vídeo digital

A TV digital e o rádio digital

As tecnologias de acesso remoto (sem fio ou wireless)

*Bluetooth*

Interactividade

De modo geral as novas tecnologias estão associadas à interactividade e a quebra com o modelo comunicacional um-todos, em que a informação é transmitida de modo unidireccional, adoptando o modelo todos-todos, em que aqueles que integram redes de conexão operacionalizadas por meio das TIC fazem parte do envio e da recepção das informações. Neste sentido, muitas tecnologias são questionadas quanto à sua inclusão no conceito de novas tecnologias da informação e comunicação, ou meramente novos modelos de antigas tecnologias.

As novas tecnologias deram origem a uma revolução informacional, pois oferecem uma infra-estrutura comunicacional que permite a interacção em rede dos seus integrantes.

## **Anexo B – Excerto do RFA 304-7, Serviço de Documentação da Força Aérea**

RFA 304-7

### **CAPÍTULO 9 CENTRO DE AUDIOVISUAIS DA FORÇA AÉREA**

901. **Missão.** Executar e apoiar a cobertura audiovisual das actividades da Força Aérea, em especial as de formação, qualificação, treino técnico e operacional, e de informação e divulgação.

902. **Dependência.** O chefe do Centro de Audiovisuais da Força Aérea depende directamente do Chefe do SDFA.

903. **Competências.** Para além das competências atribuídas pelos regulamentos e disposições legais vigentes, e daquelas que os escalões de comando superiores entendam dever atribuir-lhe ou delegar-lhe, compete-lhe ainda:

- a. Diligenciar a produção, armazenagem e distribuição de filmes, vídeos, fotografias, transparências, diaporamas, videoporamas, sonorizações e qualquer outra forma de apresentação audiovisual da informação necessária às actividades da Força Aérea e ao respectivo registo histórico de eventos;
- b. Gizar normas técnicas de utilização dos equipamentos audiovisuais, em uso na Força Aérea e verificar o seu cumprimento;
- c. Emitir ordens que estimulem o pessoal a uma conduta específica, no enquadramento normativo vigente e no âmbito da actividade do Centro de Audiovisuais da Força Aérea;
- d. Diligenciar e promover a qualificação e aperfeiçoamento do seu pessoal e do que presta serviço noutros núcleos de audiovisuais existentes na Força Aérea;
- e. Assinar as guias de marcha do pessoal para as missões de serviço determinadas;
- f. Autorizar a saída de viaturas e outros meios quando no cumprimento de missões de serviço ou apoio a actividades que transcendam a rotina;



g. Assessorar tecnicamente os Órgãos da Força Aérea promotores da aquisição de equipamento e material de tipologia específica, em uso no âmbito do Centro de Audiovisuais da Força Aérea.

**905. Responsabilidades.**

**a. Chefe**

- 1) Zelar pelo cumprimento da missão do CAVFA, abrangendo a gestão dos recursos (humanos e materiais) postos à sua disposição;
- 2) Controlar permanentemente as verbas orçamentais, que lhe sejam superiormente consignadas, e apresentar periodicamente o relato da sua aplicação;
- 3) Promover, em toda a Força Aérea, inspecções técnicas funcionais determinadas pela Inspeção Geral da Força Aérea no âmbito das suas actividades funcionais;
- 4) Decidir sobre as propostas e requisições relativas à produção e realização de trabalhos audiovisuais e definir as prioridades de execução;
- 5) Sancionar as propostas de aquisição, fundamentadas nas verbas e rubricas consignadas ao CAVFA, de acordo com o planeamento aprovado;
- 6) Dirigir a obtenção de meios e aquisição de serviços, segundo as normas em vigor;

**b. Apoio Documental e Processual.** Apoiar administrativamente o CAVFA de acordo com os regulamentos, directivas e normas em vigor.

**c. Secção de Exploração e Assistência**

1) **Sector de Assistência Técnica.** Sob orientação superior:

- a) Promover a preservação dos meios directa ou indirectamente envolvidos na produção de imagens de acordo com, directivas superiores;
- b) Assegurar a manutenção preventiva e correctiva dos equipamentos

2) **Sector de Apoio Audiovisual.** Sob orientação superior:

- a) Executar e apoiar projecções audiovisuais;
- b) Manter actualizadas as publicações técnicas e proceder a estudos relacionados com a sua utilização;



c) Prover o Centro de Audiovisuais da Força Aérea com os meios indispensáveis ao seu funcionamento.

3) **Sector de Abastecimento e Apoio Móvel.** Sob orientação superior:

a) Cuidar do sistema de abastecimento do Centro de Audiovisuais da Força Aérea de forma a garantir a prontidão dos meios audiovisuais operados de acordo com as directivas em vigor;

b) Proporcionar e apoiar projecções, de acordo com as directivas superiores e normas técnicas em vigor.

d. **Secção de Produção e Realização:**

1) **Sector de Imagem Animada.** Executar em vídeo e áudio os trabalhos de captação, montagem e reprodução, realizando gravações de acordo com as directivas superiores.

2) **Sector de Imagem Fixa:**

a) Executar as imagens fotográficas, de acordo com as directivas recebidas;

b) Produzir diapositivos, segundo as instruções superiores.

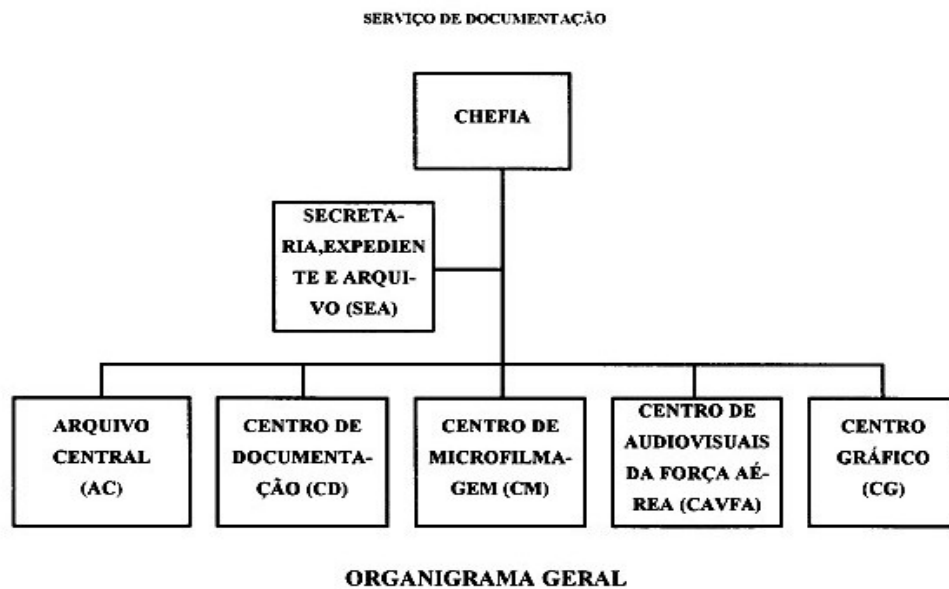
3) **Sector de Mediateca:**

a) Registrar, catalogar, classificar e preservar filmes e seus suportes, gravações vídeo, gravações áudio de qualquer natureza, diapositivos, diaporamas, fotografias, incluindo negativos e relacionados com audiovisuais, utilizando os meios necessários nomeadamente os informáticos;

b) Armazenar e distribuir os meios audiovisuais produzidos, de acordo com as directivas e normas técnicas em vigor.

**Anexo C – Organograma do SDFa,**

**Quadro Orgânico e detalhe de Funções do CAVFA**





Centro de Audiovisuais da Força Aérea

Quadro Orgânico

	Chefia	Secção de Exploração e Assistência	Secção de Produção e Realização	TOTAL
MAJ	1			1
CAP/OF. SUBALTERNO		2	3	5
<b>Subtotal de Oficiais</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>6</b>
SAJ			1	1
1SAR/2SAR		3	5	8
<b>Subtotal de Sargentos</b>		<b>3</b>	<b>6</b>	<b>9</b>
<b>PRAÇAS</b>		<b>1</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
Técnico Profissional N 4			1	1
Oficial Administrativo			2	2
<b>Subtotal de Pessoal Civil</b>			<b>3</b>	<b>3</b>
<b>TOTAL DO CENTRO DE AUDIOVISUAIS DA FORÇA AÉREA</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>15</b>	<b>22</b>

Detalhe de Funções

Cargo		Posto	Especialidade	Obs.
Chefe do Centro de Audiovisuais da Força Aérea	1	MAJ	QQ	CAVFA
Chefe da Secção de Produção e Realização	1	CAP	QQ	CAVFA
Produção e Realização	1	CAP/SUB	RHL	CAVFA
Produção e Realização	1	CAP/SUB	RHL	CAVFA
Chefe dos Operadores de Câmara	1	SAJU	QQ	CAVFA
Operador de Câmara	1	1SAR/2SAR	QQ	CAVFA
Operador de Câmara	1	1SAR/2SAR	QQ	CAVFA
Chefe Sector de Fotografia e Reportagem	1	1SAR/2SAR	QQ	CAVFA
Fotografia e Reportagem	1	1SAR/2SAR	QQ	CAVFA
Fotografia e Reportagem	1	PRAÇA	Qualquer Especialidade	CAVFA
Técnico de Fotografia	1	Téc. Profissional N4	Fotógrafo	CAVFA
Auxiliar Operador de Câmara	1	PRAÇA	Qualquer Especialidade	CAVFA
Auxiliar Operador de Câmara	1	PRAÇA	Qualquer Especialidade	CAVFA
FilMOTECA e Arquivo	1	1SAR/2SAR	SAS	CAVFA
FilMOTECA e Arquivo	1	Pessoal Administrat.	Oficial Administrativo	CAVFA
Chefe da Secção de Exploração e Assistência Técnica	1	CAP	TMMEL	CAVFA
Assistência Técnica	1	CAP/SUB	TMMEL	CAVFA
Assistência Técnica	1	1SAR/2SAR	MELECA	CAVFA
Assistência Técnica	1	1SAR/2SAR	MELECA	CAVFA
Apoio Móvel e Abastecimentos	1	1SAR/2SAR	ABAST	CAVFA
Apoio Móvel e Abastecimentos	1	PRAÇA	MELECA	CAVFA
Apoio Documental e Processual	1	Pessoal Administrat.	Oficial Administrativo	CAVFA

## **Anexo D – Protocolo de Colaboração entre FAP e ETIC**

Entre, FORÇA AÉREA PORTUGUESA, com sede na Avenida Leite de Vasconcelos, n.º 4, Alfragide, titular do NIC 600010686, adiante designada por FAP, representada pelo Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, que, para este acto delegou assinatura no Coronel Germano Ventura Marta, na qualidade de Chefe do Serviço de Documentação da Força Aérea; e

ESCOLA TÉCNICA IMAGEM E COMUNICAÇÃO, com sede na Rua D. Luís I, nº 6, Lisboa, titular do NIC 502.581.042, adiante designada por ETIC, neste acto representada por José Pacífico, na qualidade de Director Pedagógico

### **CONSIDERANDO QUE:**

A FAP, através do Serviço de Documentação da Força Aérea/Centro de Audiovisuais, adiante designado por SDFa/CAVFA, desenvolve a sua actividade na área da comunicação e produção de conteúdos institucionais, no âmbito da divulgação da missão da Força Aérea;

A ETIC desenvolve a sua actividade na formação nas áreas da imagem, áudio, design e comunicação;

A actividade desenvolvida por ambos os signatários é complementar;

É do interesse de ambos os signatários, conjugar esforços e iniciativas no sentido de potenciar a actividade de cada uma, no âmbito da intervenção de cada uma;

A inserção do aluno no contexto de trabalho é um elemento enriquecedor do processo de ensino-aprendizagem;

A relação próxima entre a escola e o mercado de trabalho é elemento fundamental para a formação de qualidade;

Ambas as partes reconhecem o interesse mútuo em cooperarem;

de boa fé e em comum acordo, celebram este protocolo de colaboração, nos termos:



## CLAUSÚLA 1ª

### ÂMBITO DO ACORDO

1. No quadro da colaboração entre as partes, acima referida, o SDFA/CAVFA compromete-se a:

Participar na elaboração e reformulação dos programas dos cursos ministrados pela ETIC e que se relacionem com a sua actividade, através de, nomeadamente, sugestões e pareceres.

Facilitar “visitas de estudo” às suas instalações, integradas no plano de formação dos cursos e após prévio acordo de data.

Facultar, a alunos dos cursos da ETIC, estágios, de acordo com as necessidades da empresa, com a duração de 1, 2 ou 3 meses, mediante acordo prévio sobre a duração e calendarização do estágio.

2. Por seu lado, a ETIC compromete-se a:

Adequar a escolha de alunos para frequência de estágio de acordo com o perfil pretendido.

Disponibilizar o uso das suas infra-estruturas técnicas para trabalhos específicos ao SDFA/CAVFA.

Disponibilizar, de acordo com as necessidades do SDFA/CAVFA, a cativação de 3 vagas em cursos ou *Workshops* nas áreas de Guionismo, Pós-produção Vídeo, Operação de Câmara, Design Gráfico e Fotografia, mediante acordo prévio entre as partes e capacidade formativa da Escola.

3. Esta utilização será sempre calendarizada atempadamente, de forma a não pôr em risco o normal desenvolvimento das actividades pedagógicas dos cursos da ETIC

## CLAUSÚLA 2ª

### ESTÁGIOS



1. Os estágios poderão ser dirigidos a alunos com níveis de formação diferenciada.
2. Os estágios poderão ser integrados no plano curricular do curso ou efectuados após o aluno ter terminado o seu curso.
3. Para cada aluno colocado em estágio, será celebrado o protocolo de estágio, que incluirá o plano de estágio.
4. O plano de estágio deverá integrar-se nas tarefas/projectos que à data estejam a ser desenvolvidos, sendo o aluno integrado no programa de trabalho do SDFa.
5. No caso de estágios integrados no plano curricular, serão previstos períodos para o aluno se deslocar à Escola para outras actividades pedagógicas (2 períodos mensais de 4 horas cada)
6. A realização de um estágio não confere ao aluno o estatuto de trabalhador / funcionário da SDFa.
7. O estagiário está obrigado a cumprir o regulamento, normas e horário do SDFa onde realiza o seu estágio.
8. O SDFa/CAVFA compromete-se a cumprir o programa de formação em contexto de trabalho previamente acordado com a ETIC, enquanto centro de formação, com vista ao prosseguimento e avaliação do percurso do aluno e, em conjunto com o Coordenador do curso na Escola. Da mesma forma, o SDFa/CAVFA disponibiliza-se para rever o programa de formação, desde que tal se justifique após análise aos resultados da acção formativa em curso.
9. O SDFa/CAVFA nomeará um responsável pela coordenação das actividades formativas a decorrerem no contexto de trabalho, que garantirá a orientação do aluno, facilitará as relações com o coordenador da Escola e elaborará as informações sobre a avaliação que contribuem para a finalização do curso. Com tal finalidade, facilitará ao coordenador da Escola o acesso ao SDFa e actuação sobre a avaliação e supervisão do processo.
10. Cada aluno disporá de uma ficha de percurso e avaliação das actividades realizadas, sendo supervisionada pelo seu responsável na Empresa em colaboração com o coordenador da Escola. Dessa ficha, constarão as actividades



formativas mais significativas realizadas no SDFa e respectiva opinião quanto ao desempenho.

11. No caso de estágios integrados no plano curricular, a FAP não poderá atribuir, nem formular convite, mesmo com carácter provisório, qualquer posto de trabalho ao aluno em formação nem estabelecer qualquer compensação pecuniária pela realização de acções formativas no SDFa/CAVFA.

12. Em estágios efectuados após o aluno ter terminado o seu curso, não será aplicada a norma descrita no ponto anterior.

13. Calendarização e duração dos estágios:

1. Os estágios do ensino profissional integrados no plano curricular, decorrerão da seguinte forma:

a) Alunos do 2º ano, com a duração de 1 mês a decorrer durante o mês de Junho

b) Alunos do 3º ano, com a duração de 2 meses a decorrer nos meses de Abril e Maio

2. Estágios não integrados no plano curricular:

A realizar após o aluno ter terminado o seu curso e decorrerão a partir do mês de Agosto e com uma duração máxima de 3 meses.

3. Em qualquer dos casos, a colocação de alunos em estágio será sempre alvo de calendarização específica de acordo com o SDFa.

14. Encargos e Remuneração dos estágios:

1. Estágios do ensino profissional integrados no plano curricular:

Os estagiários não serão remunerados durante a realização do estágio.

Aos estagiários é atribuído o subsídio de almoço a cargo da Escola

Aos estagiários é atribuído subsídio de transporte a cargo da Escola

2. Estágios não integrados no plano curricular:



Aos estagiários, será concedido o abono da 2ª refeição e a carga da FAP.

Sempre que houver necessidade do estagiário acompanhar alguma equipa para fora da zona de Lisboa ou a qualquer outra Unidade militar, será abonado de alimentação e alojamento nessa mesma unidade.

O abono de alimentação e de alojamento será sempre em espécie, não havendo substituição por abono em numerário.

15. A duração deste acordo é de um ano, a partir da data de assinatura, sendo automaticamente prorrogado por iguais períodos. Poderá ser rescindido por mútuo acordo ou por denúncia das partes com um mês de antecedência. A cessação do acordado não afecta o cumprimento e finalização dos estágios que se encontrem em curso.

16. Poderá ser excluída a participação de um ou vários alunos por decisão unilateral da Escola, do SDF/CAVFA ou conjunta, com prévia comunicação ao(s) aluno(s).

17. Qualquer eventualidade de acidente que possa ocorrer estará coberta pelo Seguro Escolar, de acordo com a Regulamentação estabelecida.

Lisboa, de Setembro de 2004

FAP

ETIC

## **Anexo E – Depoimento do Subdirector da Informação da RTP,**

### **António Esteves**

1. Anteriormente fechado, quase hermético, o meio militar português tem sabido adaptar-se às novas realidades colocadas pela própria evolução dos media. A pressão das notícias, a chamada pressão mediática, obrigou a uma adaptação rápida e eficaz para evitar que o meio castrense continuasse a ser olhado como um meio anacrónico em relação à sociedade: conservador, formalista e ritualista, feudo de gente inútil para a realidade actual que só pensa em mordomias e regalias.

2. A guerra do Golfo marcou uma viragem decisiva na abertura do meio militar à sociedade. A guerra em directo veio exigir a presença de jornalistas para garantir as emissões, e ao mesmo tempo criou um novo problema até então nunca equacionado: era preciso garantir a segurança dos elementos da comunicação social porque, em caso de morte, seriam sempre encarados pela opinião pública como mártires abandonados à sua sorte pelos que deviam garantir-lhes a vida e o exercício pleno das suas actividades no chamado teatro de operações. Ao mesmo tempo surge um problema que ainda hoje não está resolvido, e creio que nunca estará: o controlo da informação que sai para o exterior por parte dos militares, e a criação de uma estratégia eficaz para limitar os danos de uma ampla divulgação dos factos em tempo real, com imagens que servem de testemunho e de memória futura. Informação que pode comprometer e muitos casos quer o efeito surpresa das operações, quer a própria segurança de militares e jornalistas.

3. Foi neste contexto que surgiu o conceito de *embedded*. Uma versão moderna e actualizada do *se não podes vencê-los junta-te a eles*. Mas é um conceito genérico e sem limites definidos e negociados a nível global. É um conceito que se vai aplicando a cada caso de forma concreta e específica, muitas vezes com graves problemas entre as duas partes. Há extremos de parte a parte. Há os militares que entendem que nada deve ser divulgado enquanto os textos não forem aprovados pelos altos comandos, e os jornalistas que não aceitam qualquer limitação ao seu direito de informar e que excluem qualquer interferência, por mínima que seja, no seu trabalho. O ideal está algures no virtuoso centro: com

limites definidos de parte a parte, sem violação dos respectivos códigos éticos e deontológicos e sem que o jornalista se esqueça alguma vez que no caso da guerra o bom senso é sem dúvida um seguro de vida.

4. Os militares portugueses – à semelhança das forças de segurança, sem excepção de qualquer ramo, souberam abrir-se ao exterior com profissionalismo e com conhecimento da realidade mediática. Têm hoje verdadeiros e eficazes gabinetes de relações públicas que divulgam amplamente a informação *agradável*, abriram as portas, há muitos fechadas, de bases e quartéis, empreenderam uma verdadeira operação de charme com convites para que se conheçam os meios e armamento usados e quais as suas características, explicam e simulam operações para que a sociedade civil perceba que tipo de tarefas e acções executam, que perigos enfrentam e que necessidades têm.

5. O principal problema nas relações com a comunicação social continua a ser o tempo de resposta em situações de crise. Ainda é lento e muitas vezes com informação limitada, insípida e por isso insuficiente. Mas aqui, tal como em muitas outras questões, o tempo das notícias é diferente do tempo dos militares. A urgência mediática não se coaduna com a disciplina e a hierarquia de uma instituição que não pode, e não deve, mudar estes dois pilares fundamentais em nome da eficácia. Com o tempo acredito que tudo mudará para melhor e muito rapidamente. Até porque hoje, em tempo de telemóveis com máquinas fotográficas e câmaras de vídeo incorporadas, o *youtube* garante um veículo rápido e incontrolável de disseminação de informação e actividades, e até incidentes, que se queriam secretos e como se usa dizer em português, *abafados*. Por isso a expressão *controlo da informação* deixa de fazer cada vez mais sentido, talvez em breve seja substituída por *pedagogia da informação*, em que em vez de se tentar esconder o que hoje já não é *ocultável* se tenha de assumir que acontece e explicar porquê. As expressões *questões de segurança* e *informação classificada*, são justificáveis é verdade, mas por força das circunstâncias – infelizmente em boa parte dos casos – já deixaram de fazer sentido para a sociedade civil.

6. Um dos caminhos a seguir é sem dúvida o da cedência por parte dos militares de imagens aos órgãos de comunicação social. Reduz a tentativa de busca

dos jornalistas – com óbvias vantagens para os militares, que ficam mais aliviados da pressão – e ajuda a divulgar melhor e enquadrar as operações onde manifestamente seja impossível a presença de jornalistas. Com os meios tecnologicamente sofisticados que têm os respectivos departamentos de audiovisual dos diferentes ramos, especialmente o da Força Aérea, seria uma pena que não fossem usados de forma intensa e útil para todos.

NOTA: Só no meu caso, no ano de 2007, fiz as seguintes reportagens, com militares, para a SIC, onde estive até Jan. de 2008,

- Academia da Força Aérea
- Esquadra de F16 – Monte Real
- Esquadra 401 – Sintra
- Antex – Projecto aviões não tripulados (Galileu)- Sintra
- Veículos Blindados Pandur – Test drive na Áustria
- Fanfarra do Exército lança CD – Queluz
- Vigilância Marítima Cimeira Lisboa – Lisboa
- Grande Reportagem a Bordo Fragata Álvares Cabral – Plymouth, Inglaterra